

30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA: NOVAS PERSPECTIVAS³¹

Lúcia Rosa Machado
Universidade de Brasília

RESUMO: O programa de pós-graduação do departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília está completando 30 anos de existência. Analisar a produção do programa, através de um recorte específico, a dissertação de mestrado de Alexandre Pilati, “A condição de autor periférico em Ferreira Gullar”, permite fazer uma pequena amostragem do estado atual de sua produção acadêmica, tendo em vista que a dissertação foi produzida dentro de uma linha de pesquisa definida do programa e desenvolvida a partir das discussões realizadas pelo grupo de pesquisa de pós-graduação “Literatura e modernidade periférica”, produção acadêmica coletiva, e o engajamento nas questões sociais, permitindo que a universidade ultrapasse suas fronteiras acadêmicas.

Palavras-chave: produção acadêmica; autor periférico; Ferreira Gullar.

ABSTRACT: The postgraduation program of the Literary Theory and Literature Department of the University of Brasilia will be 30 years old in 2005. Analyzing the results of the Program through a specific piece, Alexandre Pilati’s Master’s degree Dissertation called “The peripheral author’s condition in Ferreira Gullar”, allows us to make a specimen of the current state of his academic work. Pilati’s work was done following a determined research line of the Program, and it was also developed from the postgraduation research group debates “Literature and the peripheral modernity” which aims the collective academic production and a social commitment through the association with Social Movements, the accomplishment of extension courses, among other activities, allowing the University to cross the academical borders.

Keywords: academic production; peripheral author; materialistic criticism brazilian literature; Ferreira Gullar.

Introdução

O Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília foi iniciado em 1975, há 30 anos, com o mestrado em Teoria Literária. A partir de 1980, passou a oferecer também o mestrado em Literatura Brasileira. Ao longo deste período, várias foram as produções acadêmicas da pós-graduação, perfazendo mais de 140 dissertações defendidas no mestrado.

O doutorado em Literatura Brasileira foi implantado em 1998

31 Trabalho resultante de projeto final de curso de graduação, orientado pela Professora Doutora Ana Laura dos Reis Corrêa.

e, em 2000, foi dado início ao doutorado em Teoria Literária. Fazem parte do programa da pós-graduação quatro linhas de pesquisa:

a) Representação na Literatura Contemporânea

Realiza “o estudo das representações e auto-representações de diferentes grupos sociais, em particular os marginalizados, nas diversas formas contemporâneas de expressão literária, com enfoque sobre os problemas relativos ao lugar da fala e atenção às especificidades dos discursos”.

b) Crítica de História Literária

Propõe o “estudo da evolução literária a partir das dialéticas entre ruptura e continuidade, entre centro e periferia, com o questionamento tanto do passado quanto do presente literário em sua relação com a história cultural, social e política”.

c) Recepção e práticas de leitura

Faz o “estudo das diferentes condições de produção e recepção dos textos literários, enfatizando o processo de construção de sentido pelos diferentes leitores e pelos diversos tipos de leitura, da gênese textual à recepção em outros contextos, do ensino à abordagem comparatista”.

d) Literatura e outras áreas do conhecimento

Pratica “estudos envolvendo a literatura e outras áreas do conhecimento, ou outras práticas estéticas/culturais, em processos de intersemiose, tradução, hibridação e intertextualidade, visando fomentar a inter - e a transdisciplinaridade”.³²

Constituem o Programa de Pós-graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária

e Literaturas (TEL) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB) o curso de mestrado em Literatura e o curso de doutorado em Literatura.

Conforme o regulamento do Programa de Pós-graduação, o curso de mestrado em Literatura tem por objetivo formar especialistas e pesquisadores e preparar docentes, particularmente para o ensino superior. São áreas de concentração do mestrado a Teoria da Literatura e a Literatura Brasileira.

O doutorado, por sua vez, tem por objetivo propiciar ampla formação científica e cultural aos candidatos a doutor, bem como aprofundar e desenvolver sua capacidade de pesquisa e investigação original. Suas áreas de concentração são, assim como no mestrado, Teoria da Literatura e Literatura Brasileira.

A coordenação geral dos cursos de pós-graduação na UnB, no plano deliberativo, cabe diretamente ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) ou, por sua delegação, à Câmara de Pesquisa e Pós-graduação (CPP).

A coordenação didático-científica do curso de mestrado em Literatura cabe à Congregação de Carreira dos Cursos de pós-graduação do Instituto de Letras (CCCPG-IL).

A coordenação do Curso de mestrado e do doutorado em Literatura é exercida pelo Colegiado do programa de pós-graduação em Literatura (CPL), composto pelos docentes do seu corpo permanente e por representação discente, sendo o atual coordenador o Professor Doutor Rogério da Silva Lima.

Em face da comemoração dos 30 anos de existência do programa de pós-graduação em Literatura da UnB, foi idealizado um projeto de final de curso, orientado pela Professora Ana Laura dos Reis Corrêa, que, buscando contemplar

32 Informações retiradas de folder emitido pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília no ano de 2005

este acontecimento, teve por objetivo realizar uma análise da produção do programa de pós-graduação do TEL.

A pós-graduação produziu, em sua trajetória, 234 trabalhos. Integrou a primeira turma de pós-graduação da Unb o Professor Doutor Hermenegildo Bastos, atual docente do programa de pós-graduação e coordenador de grupo de pesquisa, defendendo sua tese em 1977 sob o título “Materialismo e idealismo na Teoria da Literatura”.

Por se tratar de um projeto de curso, este trabalho possui o objetivo específico de analisar a produção do referido programa a partir de um recorte também específico: a análise da dissertação de mestrado produzida dentro da linha de pesquisa definida do programa, História e Literatura, e desenvolvida no centro das discussões realizadas pelo grupo de pesquisa de pós-graduação “Literatura e modernidade periférica”, coordenado pelo Professor Hermenegildo Bastos.

É possível afirmar que a produção desse grupo é uma parcial, mas significativa, amostra do estado atual da produção do TEL. Assim, a partir da análise de uma das produções deste grupo, tentaremos contribuir para a visualização e a crítica de uma das partes que atua na composição do perfil desse programa, no ano de comemoração de seus 30 anos de existência.

Convém esclarecer o caráter parcial desta pesquisa, que não tem a pretensão de pesquisar toda a produção do grupo “Literatura e modernidade periférica”, ou dos demais grupos que compõem o programa, o que só seria viável em outro tipo de trabalho, como uma dissertação de mestrado, tendo em vista que seria demandada uma extensão de pesquisa muito maior do que a permitida por um projeto de curso de graduação.

Breve histórico do grupo “Literatura e modernidade periférica”.

O grupo foi formado em 1999, tendo como mola propulsora o trabalho do Professor Hermenegildo Bastos, mais precisamente a partir de uma disciplina da pós-graduação sobre Literatura Fantástica, a qual analisava, mais especificamente, a obra de Murilo Rubião. A disciplina foi de tal modo instigante que mereceu uma edição da *Revista Cerrados* totalmente dedicada ao trabalho dos alunos. Assim, surgiu o desejo de aprofundar as discussões, através da formação de um grupo que discutisse as relações entre a forma literária e o processo social.

O grupo iniciou-se com sete integrantes, sob coordenação do Professor Hermenegildo Bastos, mas quatro desses integrantes iniciais não prosseguiram com o grupo. Com o passar do tempo, outros integrantes manifestaram interesse em participar do grupo, que conta, atualmente, com doze pesquisadores fixos.

Fazem parte dos recursos humanos do grupo os pesquisadores:

- Ana Laura dos Reis Corrêa
- Alexandre Simões Pilati
- André Matias Nepomuceno
- Bernard H. Hess
- Deane Maria Fonseca de Castro e Costa
- Germana Henriques Pereira de Sousa
- Hermenegildo José de Menezes Bastos (Coordenador)
- Manoel Dourado Bastos
- Maria Izabel Brunacci
- Tatiana Rossela Rocha
- Thiago Costa Chacon
- Viviane Fleury de Faria

Como líder do grupo, o Professor Hermenegildo Bastos exibe um considerável currículo de produção acadêmica e participação ativa na comunidade, sendo dignos de menção seus principais indicadores de produção:

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	
Artigos publicados em periódicos	27
Trabalhos em eventos	16
Livros e capítulos	10
Textos em jornais ou revistas (magazines)	10
Demais tipos de produção bibliográfica	03
Produção artística/cultural	01
ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS	
Mestrado	06
Doutorado	04
Demais Trabalhos	01
DADOS COMPLEMENTARES	
Participação em bancas examinadoras	13
Participação em bancas de comissões julgadoras	03
Participação em eventos	15
Orientações em andamento	03

Fonte: Cnpq

Nos seis anos de sua existência, o grupo produziu duas dissertações de mestrado, três teses de doutorado e, até 2006, mais cinco teses de doutorado, além do livro **Relíquias de la casa nueva. La narrativa latinoamericana: el eje Graciliano Ramos**, resultante do pós-doutorado do Professor Hermenegildo Bastos, no México. O grupo participou de congressos internacionais, produziu vários artigos individuais e coletivos e organizou, em 2004, um simpósio na Universidade de Brasília com o tema “O conflito modernizador”, que contou com personalidades expressivas no meio acadêmico.

A criação do grupo, na verdade, não ocorreu de forma tão simples e linear. Neste sentido, vale observar que surgiram vários

percalços que foram transpostos desde a criação do grupo.

Sabemos que se trata de um grande desafio estabelecer um grupo de pessoas que, apesar das diferenças individuais, tenham afinidades e interesses comuns. O fato de o grupo ter nascido dentro de uma linha de pesquisa (“Literatura e modernidade periférica”, dentro de uma visão da crítica materialista) foi decisivo para agregar pessoas interessadas, especificamente, nesta linha de pesquisa. Desta forma, surgiu um grupo de pessoas efetivamente engajadas e comprometidas com questões marcantes, uma vez que centradas na perspectiva de reconhecer a literatura como um gesto estético e, portanto, político.

Reunido o grupo, outra dificuldade emergiu: a conciliação de horários e estratégias de pesquisa que possibilitem a concretização dos objetivos calcados na discussão da Literatura sob um viés político e, acima de tudo, comprometido com a idéia de *formação*, na perspectiva das relações entre Literatura e nação.

Sanadas as questões práticas iniciais, o grupo iniciou suas discussões e, buscando sempre evitar o isolamento e pensando nas questões brasileiras e nacionais, conseguiu realizar significativas produções coletivas.

As reuniões, inicialmente, eram apenas de estudos, mas, tendo em vista os vários projetos assumidos, surgiu a necessidade de reorganizar a agenda do grupo e estruturar reuniões. As reuniões atuais ocorrem semanalmente e, nelas, além das reuniões de estudos, são estruturadas ações objetivando alcançar maior relevância frente à premência, sentida pelo grupo, de realizar uma discussão e produção que tivesse um caráter de intervenção social, como forma de não se furtarem

aos imensos antagonismos que a relação literatura/sociedade/nação lhes impunha. Assim, o grupo estruturou sua finalidade de pensar a literatura e a prática de docência, extensão e pesquisa, não apenas como forma de interpretação do mundo, mas também como forma de transformação do mundo, mediante o enfrentamento das questões históricas, sociais, ideológicas, políticas e objetivas que a literatura evidencia ao transformar estas questões em forma literária, dando visibilidade ao que, muitas vezes, está invisível na experiência cotidiana da sociedade.

A partir das reuniões, os trabalhos de pesquisa e discussão foram, e são, realizados primordialmente em função das proposições feitas pelo Professor Hermenegildo e dos projetos que o grupo foi assumindo ao longo do tempo, sempre em uma ação conjunta, que caracteriza a sua posição como grupo. Desta maneira, o trabalho de cada um é compartilhado e interligado com os trabalhos de todo o grupo. Cada trabalho é amplamente discutido, produzindo-se, ao final, um trabalho individual com base coletiva. Isto significa que cada produção não é apenas um trabalho pessoal, mas uma produção que reflete os interesses e objetivos comuns ao grupo. Essa base de discussão se solidificou de tal forma que, no ano de 2004, foram produzidos e publicados em revistas, e apresentados em congressos, trabalhos coletivos, cuja elaboração deu-se a partir da escolha de alguma questão, sendo, posteriormente, discutida em profundidade em reuniões. Após as discussões, é dado início a uma produção trabalhosa e articulada, na qual cada membro do grupo escreve sobre o tema, tendo por base as discussões realizadas. No final, os textos são

“costurados” para, em seguida, darem origem a uma versão única que é lida, revista e aprovada coletivamente. Este tipo de trabalho possibilita uma experiência gratificante e única de discussão acadêmica e intelectual, na qual o grupo é que acaba por contribuir com a amplitude da busca de uma relevância que ultrapassa o caráter pessoal, evidenciando a própria linha de pesquisa e suas exigências, expondo a tensão entre a Literatura, a história da Literatura e da nação, propondo, por conseguinte o desafio de pensar criticamente o presente.

A partir de entrevistas realizadas com alguns integrantes do grupo, foi possível observar que eles consideram como suas principais conquistas, em primeiro lugar, o amadurecimento do grupo e de seus membros, bem como o aprofundamento das discussões e o seu comprometimento com uma política emancipadora, pois o interesse primordial é uma consolidação das propostas do grupo, que atualmente amplia a atuação acadêmica ao se perceber comprometido com atividades de extensão, no contato com a vida e a comunidade, ao realizarem um trabalho efetivo de envolvimento e inserção social através de atividades de extensão ligadas ao Fórum Permanente de Professores, oportunidade em que foram realizados dois cursos com professores do ensino médio. Também ocorreram atividades junto aos movimentos sociais, com ações que tivessem relevância do ponto de vista social e tendo a Literatura como um direito e uma força que, em toda a sua contradição, pode se revelar como referência no desvelamento da opressão a qual é submetido o povo brasileiro. Neste sentido, foi realizada uma parceria com o Movimento dos Sem-Terra, oferecendo-se duas oficinas de

Literatura no curso de formação do movimento, no período em que o mesmo esteve em Brasília.

Ainda na perspectiva de ampliar a contribuição do grupo à sociedade, estão previstos para 2005 a realização, com a Casa de Cultura da América Latina (CAL), de um seminário e dois cursos: “A CAL vê a literatura brasileira no ensino médio” e “O professor vai à CAL”.

No segundo semestre de 2005, foi iniciado um grupo de estudos para a graduação, reduzindo a distância entre a graduação e a pós-graduação, tão sentida pelos graduandos, com o objetivo de estudar os textos de Antonio Cândido, visto que a sua abordagem acerca da literatura brasileira é o maior fundamento das pesquisas realizadas pelo grupo “Literatura e Modernidade Periférica”.

Do ponto de vista da pesquisa, e como pequena amostra da produção do grupo, podemos citar algumas dissertações e teses que foram defendidas e aprovadas em 2001, tais como: a dissertação de mestrado de André Matias Nepomuceno, intitulada “A Função da Interpelação Ideológica no Efeito Fantástico: um comentário a Murilo Rubião sob um viés althusseriano”, na Universidade de Brasília. Ainda em 2001, foram publicados livros e artigos em periódicos, dos quais ressaltamos “Literatura e colonialismo”, do Professor Hermenegildo Bastos. Em 2002, ressaltamos a dissertação de mestrado de Alexandre Simões Pilati, “A condição de autor periférico em Ferreira Gullar”, que será peça chave da amostra de produção do grupo neste trabalho.

Foram ainda defendidas as teses de doutorado de Ana Laura dos Reis Corrêa, “Na ‘Estrada do acaba mundo’, Fantasmagoria, coleção e máquina na negatividade da obra de Murilo Rubião”, de Deane Maria de Fonseca de Castro e

Costa “O nervo exposto da literatura: a representação da condição do escritor periférico em “A rainha dos cárceres da Grécia”, de Osman Lins”, e a tese de Germana Henriques Pereira de Sousa “Carolina Maria de Jesus. O estranho diário da escritora vira-lata”.

2. Um recorte da produção do grupo Literatura e Modernidade Periférica – a Dissertação de Alexandre Pilati

Alexandre Pilati, em sua dissertação de mestrado, “A condição de autor Periférico em Ferreira Gullar”, apresentada ao departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília em 2002, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em literatura brasileira, tendo sido orientada pelo Professor Hermenegildo Bastos, faz uma análise da produção poética de Gullar sob uma perspectiva histórica e sociológica, utilizando como referencial teórico autores como Marx, Luckács, Adorno e Antonio Cândido. Pilati defende a hipótese de que Gullar trabalha nas obras **Dentro da noite veloz; Na vertigem do dia; Barulhos e Muitas Vozes** “a crítica da Literatura sob o prisma das condicionantes históricas e sociais do sistema literário brasileiro”. Para ele, esses condicionantes são as características sociais do autor literário periférico e da estética da mercadoria. O resgate de tais elementos dentro das obras analisadas faz-se a partir da percepção do processo de desfibramento do objeto poético, através da retirada de camadas deste objeto, o que permite a exposição das camadas de comprometimento ideológico do poeta. Pilati referencia, ainda, como traços estruturais que deixam ver o questionamento do ato poético, o *lôcus*

amoenus, as frases interrogativas, a linguagem urbana utilizada típica da classe média e o sentimento de autopiedade, que reforçam o caráter de denúncia do comprometimento do poema com a ilusão do Capitalismo.

A dissertação está subdividida em quatro capítulos. O primeiro trata da fundamentação teórica do trabalho e retrata a condição de autor periférico através dos subitens: impasses da legitimação da literatura periférica; Literatura e modernidade periférica; Literatura e colonização; problemas para o escritor periférico. O capítulo 3 apresenta a estética da mercadoria, verificando a condição da arte como mercadoria na modernidade e o fetichismo da mercadoria na poesia de Ferreira Gullar. No último capítulo, o autor propõe uma análise de poemas, a partir dos itens: Ferreira Gullar: poeta romântico; o poeta no *locus amoenus*; etapas da poesia de Ferreira Gullar; a poesia; a subjetividade; a biografia; o cotidiano.

Na parte introdutória de seu trabalho, Pilati diz que terá por objetivo analisar como acontecem as formas de representação da condição de autor literário brasileiro, o posicionamento de Gullar nas questões de prática literária e a estética da mercadoria.

Para ele, ao leitor de Gullar é revelado o trabalho exercido pelo poeta ao produzir o poema, tendo a condição de autor lírico de Gullar mediada pela condição de produtor periférico. A produção de Gullar é não apenas a forma literária, mas o contexto social presente na obra e as contradições de um eu-lírico que se reconhece comprometido com a exploração da sociedade e seus dilemas.

Gullar ultrapassa o exercício da metalinguagem, e, ao falar sobre seu fazer poético, expõe, através de sua linguagem, toda a carga

histórica e ideológica refletida na Literatura; desta forma, ao decompor a linguagem poética, o autor fratura seu próprio texto, dando visibilidade às fraturas históricas, sociais e ideológicas da literatura brasileira.

Para corroborar sua hipótese, o autor busca a fundamentação teórica, inicialmente, em Terry Eagleton (1976: 55), ao afirmar que a Literatura é um mecanismo crucial pelo qual a língua e a ideologia de uma classe dominante estabelecem sua hegemonia. Desta forma, sua busca na poesia de Gullar encontra-se voltada sobre os modos de articulação das ideologias com os modos de produção. Neste sentido, ele encontra traços marcantes, principalmente, na forma do poema e em seus componentes internos.

Para Pilati, a arte tem uma autonomia relativa, uma vez que as obras de arte são construídas e determinadas socialmente. Assim, o texto literário de Gullar ultrapassa a estetização do material, no qual a Literatura teria um fim em si mesma, estabelecendo uma relação estrutural com a sociedade.

Em Bakhtin no processo artístico está presente:

A realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento, entra na obra (mais precisamente no objeto estético) e torna-se então um elemento constitutivo indispensável (BAKHTIN, 1998: 33)

Isso implica que o objeto estético é significativo ao se relacionar com o mundo como objeto do conhecimento. Adorno percebe o comprometimento da poesia com as relações de dominação e com as ideologias que a fundamenta.

Ao dizer que não seria mais possível produzir poesia a partir de Auschwitz, ele dá voz ao seu lamento de poeta esmagado pelos horrores que se pretendia estetizar.

Neste sentido, Pilati afirma que a poesia tem um caráter de problematização e crítica do modo de produção capitalista, fato que supera a limitação de que, muitas vezes, a análise da poesia tem elegido a obra lírica como o reino da palavra, onde gravita um verbo mágico, quase mitológico, em que há a glorificação da técnica (2002:7).

A Literatura não é a-histórica; possui caráter de mediação entre a estética e a sociedade. Ao tornar estético aquilo que é percebido na realidade, ela fratura essa realidade e se relaciona dialeticamente com ela em um movimento de legitimação e reorganização das engrenagens de um mundo caótico. Assim, a própria natureza da obra de arte, portanto, é uma potência crítica acerca da realidade, que pode distender-se em ilusão harmônica da solução dos problemas da realidade, ou tensionar-se em desarmonia e fratura (Pilati, 2002:9).

Ferreira Gullar, em seu fazer poético, faz o que Pilati chama de desfibramento do objeto poético, por vezes fazendo o caminho contrário do processo de produção da poesia. Assim, o poeta denuncia o custo da obra de arte como formamercadoria, revelando a ilusão da modernidade e da arte como fim em si mesma.

Em um jogo de espelhos, que reflete um mundo fragmentado, o poeta fratura a ilusão criada pelo fetichismo da mercadoria, no qual o poema é uma agregação de valor na cadeia de produção da lógica mercantilista. Na poesia de Gullar há uma negação do caráter de ilusão do poema através do seu desfibramento.

Com o cuidado de que a análise não deixe escapar a especificidade do gênero lírico, Pillati mostra que a voz dos poemas de Gullar assume-se como portadora do poder da linguagem literária, sem omitir o envolvimento ideológico do fazer poético sob uma literatura construída em um país periférico.

Antonio Cândido mostra-se favorável à crítica sociológica da modernidade, reconhece o comprometimento da Literatura com a crítica social e as contingências da poesia construída à margem do Capitalismo. Na **Formação da Literatura Brasileira**, Cândido traz o exterior para a obra, buscando mostrar uma existência fora da Literatura que comanda o foco da obra artística.

Mesmo que o tom da voz do poeta queira se mostrar contrário à exploração, o poeta percebe-se cúmplice da exploração de classe. E, ao mostrar seu processo de produção, se autoquestionando, essas relações são fraturadas e percebidas.

Este processo, para Pilati, permite uma leitura política da poesia de Gullar, pois ela confronta-se constantemente com seus conflitos ideológicos. Surgem conflitos advindos da realidade social do país, da relação do poeta com a poesia, da poesia com o povo. E, em última instância, são conflitos resultantes das relações entre o modo de produção capitalista com os modos de produção literária.

O segundo capítulo de sua dissertação trata da condição de autor periférico, e compreender a condição de autor periférico é fundamental para compreender a problematização da instituição literária realizada por Gullar.

A modernidade periférica possui uma estrutura que representa a fragmentação de uma fragmentação, pois a modernidade em si está articulada na divisão dos modos de produção

capitalista, criando um homem conflituoso, descentrado com a razão imponente obrigando-o a uma revisão de valores e, ao mesmo tempo, alienado do processo pelo qual se insere em um mundo caótico, sendo tolhido de uma visão crítica e total deste mundo, tendo, desta maneira, não uma visão real de si mesmo, mas um reflexo realizado em espelhos quebrados, onde as partes não se completam satisfatoriamente, tornando-se uma engrenagem que não tem noção de si mesma no mecanismo. Os países que vivem à periferia do Capitalismo convivem com um atraso de uma modernidade que ainda não se implantou completamente, e os países periféricos não têm os problemas desencadeados pela modernidade por ela resolvidos, permanecendo a dicotomia entre os ideais de igualdade e liberdade do pensamento iluminista e uma realidade social desigual e injusta. Assim, a modernidade é duplamente cruel com os países periféricos, pois, ao mesmo tempo em que impõe sua ideologia, não traz os benefícios do virtual conforto moderno. Nesse sentido, a ideologia assume o caráter de representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.

Os indivíduos modernos se imaginam autônomos, mas são iludidos pelo sistema, pois aquilo que os indivíduos pensam e fazem ocorre em função das circunstâncias e não de sua livre vontade, tendo a ilusão reforçada pela representação da ideologia que interpreta esta relação, falseando-a.

Gullar apresenta uma poesia que contém uma identidade contraditória, na qual ele percebe o poeta como artífice da modernidade, tendo em vista que a literatura sacraliza-se como representação da subjetividade, que no mundo

moderno vem a ser a chave da matriz ideológica das formações sociais burguesas ou modernas. A subjetividade moderna desenvolveu-se com ajuda da Literatura; a Literatura, de certa forma, organiza a produção de sentidos para a vida, necessários à uma sociedade que deixou de estar sob a égide da religião e da vontade divina que determina o destino e o sentido da vida.

É importante verificar como se deu este processo. Com a decadência do poder simbólico das crenças nas sociedades modernas, a Literatura surge como resposta para a constituição dos sujeitos que se encontram em crise a partir do vazio deixado pela falta de certezas universais donde vinha seu centramento.

Percebe-se, neste âmbito, o poder da Literatura nos países centrais, comprometida com os valores modernos, difundindo-os e consolidando-os em um movimento dialético em que, ao mesmo tempo em que serve de instrumento de difusão de ideologias e valores, assume uma função subversiva de denúncia. O confronto destas funções promove uma ruptura, pois a arte acaba por renovar a sensibilidade do leitor, desautomatizando sua percepção.

Dentro do contexto da modernidade, o autor periférico vivencia um mal-estar, pois tenta interferir em um contexto de conflitos sociais internos, no qual há uma dependência estrangeira, juntamente com a grande interferência das empresas privadas, que trazem o discurso de divulgação e democratização dos bens culturais, mercantilizando a cultura. Assim, o público vê-se invadido de produtos culturais enlatados para o consumo em massa, sendo selecionado previamente aquilo que deve ser visto, contribuindo para a alienação da sociedade.

O problema da dependência estrangeira tem sua origem no processo de colonização do Brasil. O sistema literário formou-se no país antes mesmo que fosse completada a formação econômica e social brasileira. Sabe-se que a Literatura foi primordial para formação do Brasil como nação, e traduzia o desejo de nacionalidade do brasileiro.

Atrelada ao sistema colonial, a Literatura constituiu-se instrumento do colonizador, contribuindo para o cumprimento do projeto colonizador. A Literatura, ao mesmo tempo em que desejava representar o novo país, era portadora do discurso do colonizador e das elites.

Para Pilati, ler a poesia de Gullar exige a reconstituição do processo por meio do qual a Literatura estabeleceu-se no país. Para ele, quando um autor do século XX olha para si e se autoquestiona, expondo os problemas de sua prática, ele faz um questionamento que ultrapassa o individual e situa-se como um questionamento que verifica a condição do escritor em uma sociedade periférica.

O discurso poético de Gullar retrata certo conformismo e dilaceramento, por se perceber como partícipe da construção da narrativa da desigual história brasileira.

A poesia de Gullar reflete ações cotidianas, triviais. Um tipo de leitura provável é aquela que enxerga uma poesia que aos outros passaria despercebida. Mas a leitura proposta por Pilati, é de uma poesia de questionamento, no qual o ambiente periférico e o descortinamento dos sentimentos do autor frente ao seu fazer poético estão imersos na consciência do envolvimento com as desigualdades sociais.

A partir de então, é elencada uma série de

problemas para o autor periférico que atingem a produção de Gullar, sendo eles “a falta de especialização, o comprometimento com a elite urbana, o público reduzido, a língua e os mestres, as tradições estrangeiras e o dom que se torna ofício sem especialização” (PILATI, 2002:25)

A principal consequência destes problemas é a transformação da produção cultural em forma de mercadoria.

O poeta, imerso na realidade burocrática, mostra que seu fazer poético transforma-se em uma função servil, contrapondo-se à liberdade imaginativa do poeta que se vê restringida pela realidade, revelando o mal-estar frente à certeza da mortalidade do poeta:

Entra em casa o poeta de 52 anos
Transpõe a sala e vai até o escritório
Larga a pasta e tira o paletó – de repente
sabe que vai morrer
(GULLAR, 2000:369)

Fica configurado o duplo desejo do poeta: o prestígio e o inconformismo. Esses são inerentes ao dom da Literatura, cuja capacidade de revelação artística em um mundo de aparências é capaz de transpor o ofício sem especialização. Mas, na modernidade tardia, o dom está a serviço da mercadoria em um mundo por ela dominado.

Pilati percebe que Gullar problematiza a lógica da mercadoria na estrutura de seu texto. A arte é a apresentação dos mecanismos que vivenciamos e tem o poder de evidenciar o invisível que, de tão naturalizado, não é percebido. Sob esta percepção, ele aponta que todo ato poético é um ato político, com implicações ideológicas. Todo escritor está inserido em uma sociedade. A política,

antes de ser constituição de formas de poder, é uma divisão na qual a percepção da posição de um corpo relaciona-se à posição do outro corpo. E esta divisão torna-se estetizada pela arte.

O poeta, ao questionar o poema, questiona a vida e seus engodos. E mesmo estando entrelaçado à lógica da mercadoria, ele a insere no poema, sabendo-se incapaz de destruí-lo, percebe-se capaz de fraturá-lo.

O texto literário estetiza o seu custo, através da estruturação estética das relações conflituosas de poder e de classe. A modernidade busca o acúmulo de capitais, como um fim em si mesmo, o fetiche da mercadoria perpassa todas as práticas sociais, trazendo à Literatura um caráter de arte pela arte.

A lógica da modernidade, que é a lógica da mercadoria ao dar à estética a ilusão de autonomia, acaba por cooptá-la, desvinculando-a do contexto real. “Todavia, é preciso regular as lentes de nossa visão crítica e enxergar, como Marx, a arte como uma espécie de ‘dinheiro do espírito’” (PILATI, 2002; 39)

Assim, a arte, como já assinalado anteriormente, não pode romper com esta estrutura, mas pode revelá-la. Neste sentido, dialeticamente, a arte só sobrevive por autodestruição. A arte é mimética e tudo o que se relaciona com a vida está relacionado com a arte. Isto posto, verifica-se que a arte desvinculada da vida é puro entretenimento, pura mercadoria.

A relação entre a arte e a vida não ocorre por reflexo real, há elementos históricos constantes na obra literária, em seu conteúdo, ou forma, onde os elementos culturais históricos são estetizados.

Nos momentos em que a arte quer ser autônoma, ela, na verdade, “é uma aparência dela

mesma, pois pretende ser algo perfeito em um mundo imperfeito, quando deseja aparecer aos olhos do espectador como um ente definitivo e, na verdade, é algo fabricado e, premeditadamente, tornado como é. Assim, destruir-se é destruir essa grande ilusão do capital”. (PILATI, 2002: 40)

A abrangência do poder do capital na modernidade tardia é tal que há um deslocamento dos elementos fetichizantes para o fetiche da mercadoria, no qual o homem é coisa a serviço da mercadoria, e as relações humanas são relações mercadológicas, com valor de troca regulado pelas leis de mercado. Mas o poeta pode subverter este poder ao expô-lo, revelando a ilusão de sua aparência.

Ferreira Gullar faz um desfibramento de seu trabalho, criticando a ilusão da mercadoria e do poema como mercadoria, ao fraturar a ideologia da sociedade capitalista, legitimada pela ilusão de liberdade e igualdade:

Todo poema é feito de ar apenas:

a mão do poeta
 não rasga a madeira
 não fere o metal
 a pedra não tinge de azul
 os dedos
 quando escreve manhã
 ou brisa
 ou blusa
 de mulher.

O poema é se matéria palpável
 tudo
 o que há nele
 é barulho
 quando rumoreja
 ao sopro da leitura. (GULLAR, 2000:373)

Gullar expõe a desigualdade existente entre o trabalho literário e o trabalho braçal. O trabalho braçal é acompanhado dos verbos rasgar e ferir e o do poeta é metaforizado em sopro. Mas o poema é capaz de produzir barulho, denunciando o comprometimento com a mercadoria, fraturando sua ilusão.

A partir das considerações realizadas até este momento, percebemos que a sobrevivência da Literatura como força capaz de levar ao conhecimento crítico da realidade só se realiza através do autoquestionamento de seu próprio papel dentro da sociedade. Pois, se este questionamento não acontecer, ela apenas corrobora e legitima o fetichismo em torno do clássico literário e em torno da mercadoria, reforçando a ideologia que lhe é subjacente sob um fino véu que resiste ao desvelamento.

Para atuar criticamente, a Literatura deve trazer o germe, contra ideológico, que surge pela fratura, e isso implica em quebrar-se para revelar que sua crítica da modernidade faz-se dentro de um ambiente que é fruto condicionado por esta mesma modernidade.

Gullar revela a relação entre a arte e a mercadoria a partir da exposição do trabalho do poeta. Ele vai mostrando a construção de ilusões, que é o ofício do poeta, que, mesmo revelando verdades, permanecem como ilusões.

A partir do quarto capítulo de seu trabalho, Pilati propõe uma análise de poemas, fazendo-a através dos tópicos:

1. Ferreira Gullar: poeta romântico
2. O poeta no *locus amoenus*
3. Etapas da poesia de Ferreira Gullar
4. A poesia

5. A subjetividade

6. A biografia

7. O cotidiano

Nestes tópicos foram realizadas incursões mais profundas na produção poética de Gullar, tentando observar nela, primordialmente, as formas de representação do autor e seu posicionamento quanto ao fazer literário, especialmente ao que se refere à estética da mercadoria.

Em cada um dos eixos temáticos, o autor buscou investigar como se estruturam a autopiedade do eu-lírico, o desfibramento do objeto poético, a linguagem urbana culta, o *locus amoenus* como o *locus* do qual o poeta realiza sua enunciação, bem como o sentido do uso de frases interrogativas.

Nos poemas nos quais está presente sua biografia, brota um sentimento de autopiedade, por perceber na memória uma “ponte ilusória” entre o presente e o passado, irreconciliáveis e fraturados, uma vez que o poeta maranhense criou-se na “periferia da periferia”, reforçando sua identidade de autor periférico, inserido no contexto das relações entre tempos e espaços desiguais, das quais emerge a situação da “não-contemporaneidade do que nos é contemporâneo”.

Quanto ao questionamento da subjetividade do poeta, Gullar faz um movimento de abandono da subjetividade, substituindo-a por aspectos físicos e históricos, gesto que “fratura a ilusão da construção da subjetividade” em seus poemas. O eu, em Gullar, expõe a fratura que a modernidade tenta esconder, desfetichizando-a e percebendo seu comprometimento com esta mesma modernidade.

O cotidiano retratado por Gullar mostra a vida corriqueira dos centros urbanos. A estetização

do cotidiano, na poesia de Gullar, através de palavras e expressões fortes, adquire um sentido de problematização da condição de autor periférico, revelando a lógica da mercadoria que se oculta no poema. O poeta busca, então, uma fuga no seu *locus amoenus*, produzindo um poema fraturado que não tem como fugir, ou afastar sua produção da lógica da modernidade.

Pilati realizou em sua dissertação o movimento de “tradução”, visto como “o movimento lírico de tradução da subjetividade cindida do poeta” (PILATI, 2002: 152), da subjetividade lírica existente entre dois pólos, da individualidade e da coletividade, problematizando a condição de classe do autor que se encontra em um sistema literário periférico. Nesta conjuntura, a Literatura só sobrevive por autoquestionamento. Para ele, caso este elemento não esteja presente na obra literária, ela servirá apenas ao propósito da indústria cultural, como mercadoria, ou poderá diluir-se na instituição. O questionamento deve ser presença constante no fazer poético, e este questionamento traz consigo a problematização “das condições materiais do estabelecimento das estratégias de legitimação do ato literário. Ao questionar o produto, o poeta questiona também suas condições materiais e históricas de trabalho” (*id.*: 152).

O autor não vê no desfibramento de Gullar uma tentativa de redenção, mas sim uma exposição de dilemas marcados pela contradição da consciência traumática da literatura periférica e o comprometimento da Literatura com a amenização desta mesma consciência, que aprofundam a revelação da culpa da arte.

A dissertação de mestrado de Alexandre Pilati foi produzida em meio às discussões do grupo “Literatura e modernidade periférica”,

trazendo, de certa maneira, o resultado de uma produção coletiva que se insere dentro das perspectivas e propostas do grupo. Na verdade, cada membro do grupo contribui com a problematização de questões pertinentes aos trabalhos realizados pelo próprio grupo. Em cada produção individual é possível perceber um traço da coletividade que contribuiu com sua existência.

Pilati utiliza, para fundamentar teoricamente sua dissertação, inúmeras referências bibliográficas, mas esclarece que o fundamento de seu trabalho ocorrerá a partir do pensamento de Marx, Luckács, Adorno e Antonio Cândido. A menção a estes autores nos permite verificar o quanto seu trabalho é referenciado pelas discussões do grupo, baseadas na visão da crítica materialista que percebe na Literatura um gesto estético e político de denúncia do fetichismo da mercadoria nas sociedades permeadas pela modernidade tardia, esmagadas por um processo espoliador de globalização.

3. Considerações finais

A dissertação de mestrado de Alexandre Pilati permite fazer um recorte bastante representativo da produção acadêmica da pós-graduação do departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB.

A proposta de verificar este trabalho específico levou em conta a importância de evidenciar as possibilidades de produção realizada através de um grupo de pesquisas de grupos como “Literatura e Modernidade Periférica”.

Nas universidades têm-se buscado, além das significativas produções acadêmicas, uma participação mais efetiva na sociedade, através de parcerias, cursos, palestras, trazendo, de alguma

forma, para o meio acadêmico, aqueles que historicamente foram marginalizados pelo contexto social.

A sociedade brasileira, marcada pela desigualdade social, tem sido beneficiada por estas ações, não obstante o incipiente apoio do Estado. A Universidade de Brasília tem buscado cumprir seu papel original, imaginado por Anísio Teixeira, de uma universidade plural e ativa, através de seus trabalhos. Dentro deles, ressaltamos os trabalhos de pós-graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Nestes 30 anos de existência, muitas foram as contribuições significativas, das quais o corpo deste trabalho não comporta a enumeração.

O grupo “Literatura e Modernidade Periférica”, engajado socialmente, percebe na Literatura um caráter político e uma possibilidade de emancipação, na medida em que revela, através das fraturas do fazer literário, aquilo que a violenta modernidade tardia tenta esconder em um jogo de ilusões ligadas ao fetiche da mercadoria. Esta prática evidencia outras perspectivas de atuação do TEL, ao empreender um trabalho realçado pelo engajamento social, que se revela um grande e atual desafio e uma atitude de comprometimento com o caráter emancipador da Literatura.

A revelação dos implícitos através da estetização do tecido social pode nos chocar de tal forma, como fez a Natanael ao perceber a verdadeira Olímpia de Hoffman em **O homem da areia**, que, mesmo tentando negar essa visão dilaceradora, percebe que é impossível fechar os olhos para a realidade, pois isto acabaria por legitimar sua esfera de dominação e aculturação da qual a cultura de massas é instrumento, ao pretender transformar-nos em autômatos.

Neste sentido, a literatura realizada por Gullar, e analisada dentro de uma linha de pesquisa específica, não busca respostas, ou a redenção, mas exprime um grito sufocado contra os mecanismos que pretendem destituir o ser humano de sua força vital: o caráter questionador.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (Notas para uma pesquisa), in **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993. 7ª edição.

PILATI, Alexandre Simões. **A condição de autor periférico em Ferreira Gullar**.

KEHL, Maria Rita. A constituição literária do sujeito moderno. In: <http://geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Kehl16.htm>